

**Daniel Acosta**  
Artista/professor  
do Centro de  
Artes e Design  
na Universidade  
Federal de  
Pelotas/RS  
d.acosta@  
terra.com.br

## Paisagem portátil

### *Portable landscape*

**Resumo:** Paisagem Portátil designa/conceitua um projeto abrangente que procede do contexto da arte através de um conjunto de imagens, objetos e meta-arquiteturas, obtidas a partir de estratégias produtivas específicas, visando a constituição de uma espacialidade híbrida, que se expande em direção aos contextos do design e da arquitetura, da cidade e da paisagem. Esta espacialidade híbrida funciona como uma espacialidade paralela à espacialidade ideologicamente produzida no cotidiano das cidades, como um meio de chamar a atenção sobre o ambiente construído que nos cerca, nas cidades, e o funcionamento que predispõe para todos nós.

**Palavras chave:** arte; arquitetura; paisagem; espacialidade; ambiente construído

**Abstract:** *Portable Landscape designates conceptualizes a wide-ranging project which originates in the art context, as a set of images, objects and meta-architectures obtained through specific productive strategies, that aim at constituting a hybrid spatiality, which expands towards the contexts of architecture and design, the city and landscape. This hybrid spatiality works as a spatiality parallel to the one produced ideologically in a city's everyday life and as a way of calling attention to the constructed environment that surrounds us in cities and the functionality it puts at our disposal.*

**Key-words:** *art; architecture; landscape; spatiality; built environment*

A evidência de um meio construído artificialmente, onde a natureza é gradualmente substituída por um meio tecnológico cada vez mais denso, é a realidade de boa parte dos habitantes de algumas das grandes cidades do mundo. Como mega-artefatos, como sistema de intensos fluxos, como meio *tecno-científico-informacional*, as grandes cidades vivem um contínuo e gradual processo histórico/geográfico de destruição e construção, de desconstrução e reconstrução territorial.

Primeiramente, de uma gradual ocupação do meio ambiente natural para a construção da cidade, em um processo de substituição dos elementos da natureza pelos elementos de um meio artificial. Depois, de desconstrução do já construído para posterior reconstrução em uma interação entre a preservação e a destruição que definem um território continuamente em reconstrução (*city in progress*).

Neste contexto, a presença do ambiente construído (*building environment*) cresce vertiginosamente deixando cada vez menos espaço para a existência do ambiente natural, o qual existe, no melhor dos casos, de modo híbrido com a cidade, ou é transformado/substituído por experiências específicas de consumo do ambiente através de uma natureza modificada, artificializada e/ou domesticada ao extremo. São situações que dizem da rápida expansão de algumas das grandes cidades modernas, que se transformam nas megacidades da contemporaneidade, ou mesmo em novas cidades, apontando uma relação desproporcional que tem sido estabelecida entre o ambiente construído e o contexto anterior, já dado (seja a natureza ou uma cidade de dimensões moderadas).

Por outro lado, a experiência de permanência exaustiva junto ao ambiente construído das grandes cidades da contemporaneidade é fato recente, como consequência da aceleração do desenvolvimento tecnológico que tem ocasionado as rápidas transformações sobre o ambiente das cidades e, conseqüentemente, do ambiente natural. Desde quando inventaram ou descobriram os meios técnicos para manipular os elementos materiais da natureza e colocá-los a seu dispor, os humanos começaram a modificar o meio ambiente. Agora, é o ambiente construído da cidade que nos modifica, condiciona, hierarquiza e/ou exclui.

As possíveis consequências do impacto do ambiente construído das grandes cidades sobre seus habitantes vêm determinando pontos de vista críticos sobre a qualidade deste espaço desde a década de sessenta, através dos escritos e ações dos situacionistas, ou

de textos de Henri Lefebvre e Michael Foucault. Foi só a partir do momento em que começamos a nos dar conta do *quanto* este ambiente nos afeta que nos tornamos conscientes da necessidade de saber *como* esse ambiente nos afeta.

A geografia contemporânea nos diz que devemos estar cientes de como as relações de poder e disciplina se inscrevem na espacialidade aparentemente inocente da vida social, de como as geografias humanas tornam-se repletas de política e ideologia. Ao mesmo tempo, as cidades são lugares de fascinação, são os espaços privilegiados para a produção da cultura, podendo providenciar educação, comunicação, combinação de culturas e atividades e muita efervescência, em uma dicotomia constante entre embrutecimento e refinamento.

Produzidas especificamente para o contexto das megacidades, as Paisagens Portáteis (PP) estão inseridas em um longo e contínuo percurso de ocupação, de arranjo, de modificação, de representação, de fabricação e de produção artificial do meio ambiente que no passado, entre outras consequências, determinou primeiramente a construção das cidades e, posteriormente, a formação da ideia de paisagem. Procedentes do contexto da arte através de um conjunto de esculturas ornamentais, proto-arquiteturas e ambientes com luz colorida, as PP detonam uma experiência espacial híbrida, resultante da justaposição entre *natureza estandardizada* e *arquitetura portátil*.

Elaboradas a partir de estratégias produtivas simultâneas, são articuladas em um lugar limite, na confluência/convergência de outros contextos produtivos do cotidiano como o *design* e a *arquitetura*, a *cidade* e a *paisagem*, propondo a possibilidade irônica e bem humorada de uma natureza pré-fabricada, uma natureza nômade que poderá ser deslocada pela cidade.

Enquanto naturezas estandardizadas procuram indicar os processos de substituição dos elementos naturais pelos seus equivalentes arti-

ficiais, como por exemplo, através da simulação de padrões de madeira nas fórmicas, assépticas e inodoras, ou sob a forma de plantas permanentes (planta objeto) de seda e plástico, que não precisam ser regadas e não tem insetos (*natureza de substituição*), mas juntam poeira.

Ao mesmo tempo indicam uma espécie de codificação dos elementos naturais, como nos lagos forrados com fórmica, onde a própria designação utilizada no catálogo de venda das fórmicas como “azul lago”, diz de uma aceitação coletiva quanto à cor da água ser o azul. Vide essa codificação tacitamente aceita por todos nessas piscinas moldadas em resina ou nos lagos artificiais decorativos encontrados em edifícios comerciais e residenciais.

Como arquiteturas portáteis, possuem dimensões acessíveis ao corpo, são impermanentes, feitas para o deslocamento e para a relocação, desmontáveis, leves, flexíveis e reversíveis. Ou seja, em termos estruturais, as PP têm montagem relativamente rápida e fácil deslocamento, sendo projetadas como protótipos (modelos) experimentais não definitivos, passíveis de modificações e novos arranjos entre os seus elementos. Como um *kit em partes*, mantêm certa dimensão máxima para cada componente, que podem ser facilmente carregados e manipulados quando da montagem e desmontagem, tendo-se em conta as diferentes possibilidades de interconexão entre os mesmos.

Esta mobilidade das arquiteturas portáteis é que define a possibilidade de que as PP sejam paisagens “móveis”. Independente do conceito que possamos ter de paisagem, já que na contemporaneidade o termo tem uso expandido e multidisciplinar, em todas as suas definições e usos mantêm certos termos. Um ponto de vista sobre determinado contexto a uma distância conveniente para que os elementos que estão em jogo neste contexto possam: a) configurar a imagem de uma paisagem (pintura, desenho, fotografias, imagem retiniana através de um binóculo, sentado dentro do apartamento



Figura 1. Paisagem Portátil 1: cabine luz amarela  
Credito da foto: José de Paiva

vendo a paisagem da cidade recortada na janela), ou b) detonem a experiência fenomenológica de estar vendo e vivenciando a paisagem (como em um *belvedere* na montanha, no alto de um edifício na cidade, sobre a duna na beira do mar, dentro do carro em movimento).

Tendo em consideração as enormes dificuldades de deslocamento das pessoas dentro da megacidade, assim como do deslocamento para fora desta em direção à natureza, as PP invertem essa relação entre o que está fixo e o que está em movimento dentro da situação cidade/corpo/paisagem, através de uma paisagem que é *relocada* dentro da cidade. Ou seja, a mobilidade das arquiteturas portáteis em relação às arquiteturas fixas funciona como um indicativo dos problemas relativos ao caráter monumental, maciço, estático, inerte, indiferente ao corpo, na arquitetura das megacidades contemporâneas. Devido a sua escala, as arquiteturas de pequenas dimensões permitem uma interação muito maior com o público, possuindo uma qualidade tátil que não encontramos nas arquiteturas de grande escala. Independentemente do uso que possam ter são, psicologicamente assim como fisicamente, mais acessíveis (RICHARDSON, 2001, p. 8).

Kronenburg (2003, p. 16) diz que os benefícios práticos das arquiteturas portáteis são fáceis de entender pois podem ser quantificados, todavia o modo como as pessoas respondem às características temporárias, de estruturas que estão acostumadas a pensar como fixas, é bastante complexo. Possuem um impacto ambiental baixo e podem ser posicionadas tanto em situações urbanas como rurais viabilizando o acesso a um grande número de pessoas em um curto espaço de tempo.

Mas, o mais importante, são formas inusitadas de construção e design que são temporariamente posicionadas em lugares familiares que podem mudar a visão que as pessoas têm do seu meio ambiente e, quem sabe, provocar um reconhecimento mais claro sobre os seus atributos positivos e negativos.

O hibridismo entre natureza estandardizada e arquitetura portátil anteriormente citado, se desdobra em outros tantos que, simultaneamente, definem a espacialidade híbrida experienciada nas PP. Um desses hibridismos diz respeito ao modo como os trabalhos chegam ao público, estabelecendo uma situação de interface entre a percepção de objetos/produtos industrializados de grandes dimensões, com design e materiais mais ou menos requintados, mas que, ao mesmo tempo, podem ser apreendidos como arquiteturas de pequenas dimensões.

Problematizam certo contexto que diz da in-funcionalidade da arte, que seria autônoma, e da funcionalidade do design e da arquitetura, disponibilizando uma funcionalidade diferenciada, já que o público pode deslocar-se ao redor, passar entre, estar sob a luz amarela, se ver refletido nas fórmicas mais escuras e, mesmo, ter ilusões visuais quanto à presença de água nos lagos, etc.

Ao mesmo tempo as PP confundem tudo, criando um estado de suspensão, fazendo múltiplas referências simultaneamente, tentando desarticular sintaxes perceptivas (domésticas e domesticantes) estabelecidas no corpo, através do cotidiano vivido, fragmentando essas sintaxes, reconduzindo seus vocabulários para serem reutilizados nos trabalhos. Justapostos em uma outra/nova configuração, podem causar ambiguidade e desconforto, pois não coincidem totalmente com as imagens que primeiramente foram acionadas na memória durante os processos de associação e reconhecimento. Como se as categorias que dividem e sistematizam o cotidiano para nossa apreensão e compreensão do mundo, embutidas em nossos corpos, fossem momentaneamente justapostas e confundidas.

Em função disso, podemos estabelecer analogias imediatas entre as cabines nas PP e a configuração de certas peças do mobiliário urbano, já que possuem, também, dimensões muito próximas e mesmo semelhantes às dimensões utilizadas em cabines, *trailers*, bancas



Figura 2. Paisagem Portátil 3: cabine com plantas  
Credito da foto: Daniel Acosta

de revista e quiosques, dos quais os trabalhos são *derivados*. Já os lagos de fórmica derivam diretamente de elementos decorativos da arquitetura nas grandes cidades, situações onde a natureza aparece *codificada, idealizada, higienizada*, como em alguns lagos artificiais com fontes, situados nas áreas externas e internas de edifícios comerciais, residenciais, condomínios, hotéis e *shoppings*.

Das plantas permanentes, pode-se dizer que são o duplo em sua condição máxima de disfarce e dissimulação, já que, invariavelmente, nas exposições, a maioria do público sempre dá um jeito de tocar nas plantas, tentando conferir a verdade que seu olhar não foi capaz de comprovar. A utilização de elementos modulares pré-fabricados interconectados entre si nas PP estabelecem analogias específicas com estações de pesquisa na Antártida. Nestas estações a interconexão dos diferentes elementos – uma *conexão modular interligada* – serve de referência/modelo para que possam ser articulados os diferentes elementos nas PP. Na Estação Espacial Internacional e nas plataformas de extração de petróleo em alto mar também são utilizados elementos arquitetônicos modulares pré-fabricados de fácil deslocamento, que são facilmente montados e encaixados.

Essa analogia com as estações de pesquisa é fundamental para o entendimento de certo tipo de funcionamento a que as PP se propõe, e que se dá a partir de um procedimento amplo de *inversão* que se estabelece do seguinte modo: as estações de pesquisa, por estarem situadas em lugares bastante inóspitos para a sobrevivência humana, como as paisagens geladas do pólo Sul, contêm todos os elementos

necessários para a sobrevivência de seus usuários/habitantes como temperatura adequada, sistemas de higiene, alimentação e diversão, proteção contra os elementos da intempérie entre outros, ou seja, são auto-suficientes, tendo de ser abastecidas periodicamente.

Essa condição de autossuficiência, com uma pequena população que é alternada periodicamente, faz dessas estações, assim como das plataformas de petróleo, algo como *microcidades* situadas dentro da vastidão do gelo, do espaço ou do mar. Um pequeno mundo artificial dentro da vastidão agressiva de uma natureza irreconciliável. Ao pensarmos nas *megacidades* – esses complexos aglomerados arquitetônicos verticalizados, fixos e gigantescos – que com sua monumentalidade e superpopulação podem tornar-se espaços endurecidos, de escassez e segregação, podemos estabelecer uma aproximação entre tais *megacidades* e as condições para a sobrevivência na natureza bruta. Se as estações de pesquisa e exploração de recursos naturais são *microcidades* situadas na *megapaisagem*, então as Estações com Paisagem Portátil são *micropaisagens* situadas dentro das *megacidades*!?!?

Por esta razão, a designação específica de três trabalhos desta série como ‘Estação Avançada com Paisagem Portátil’ (**EAPP** / 2002), ‘Paisagem Portátil 3 (**PP3** / 2003) e ‘Paisagem Portátil – Estação Avançada/Unidade compacta’ (**PP – EA/UC** / 2004), os quais funcionam como marcas ou siglas, o que indica a possibilidade ambígua de que tenham sido produzidos por alguma indústria onde as máquinas estariam passando por desvios de produtividade e objetividade quanto ao seu produto final e suas possíveis utilidades.

Frente à escala de exclusão da espacialidade disponibilizada nas megacidades, Paisagens Portáteis propõem uma solução sarcástica e irônica: *uma natureza nômade que vai até você, uma natureza portátil, pré-fabricada, compacta, de fácil montagem, flexível, controlada, higienizada, inodora, inofensiva, confortável, reversível, sem*



*insetos, e que poderá estar disponível pelo tempo solicitado até que seja deslocada para outro lugar da cidade, conforme a necessidade de paisagem da população, sendo possível que cada diferente 'paisagem' seja montada com os mais variados elementos modulares, de acordo com a maior necessidade de floresta, ou necessidade de montanha, ou necessidade de lago, ou necessidade de .....*

#### **REFERÊNCIAS**

- ARANTES, Antonio **"O Espaço da Diferença"**. Campinas, Papirus, 2000.
- BRAYER, Marie- Ange; SIMONOT, Béatrice **"Archilab's: Future House, Radical Experiments in Living Spaces"**. London, Thames & Hudson, 2002.
- DUARTE, Fábio **"Crise das Matrizes Espaciais"**. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- IBELINGS, Hans **"The Artificial Landscape"**. Rotterdam, Nai Publishers, 2000.
- KRONENBURG, Robert **"Portable Architecture"**. Oxford, Elsevier/Architectural Press, 2003.
- OMLIN, Sibyle; BERNASCONI, Karin Frei **"Hybrid Zones"**. Basel, Birkhauser, 2003.
- RICHARDSON, Phyllis **"XS: Big Ideas, Small Buildings"**. New York, Universal, 2001.
- SANTOS, MILTON **"A Natureza do Espaço"**. São Paulo, Edusp, 2004.
- SANTOS, Laymert Garcia dos **"Politizar as novas Tecnologias"**. São Paulo, Editora 34, 2003.
- SCHAMA, Simon **"Paisagem e Memória"**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SOJA, Edward **"Geografias Pós-modernas"**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- VAN GESTEL, Tom **"Parasite Paradise"**. Rotterdam, Nai Publishers/SKOR, 2003.
- WILLIAMS, Raymond **"The Country and the City"**. New York, Oxford University Press, 1973.